



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura da 2ª Feira Internacional da Amazônia**

Manaus-AM, 15 de setembro de 2004

Meu querido amigo, presidente da República Bolivariana da Venezuela,
Hugo Chávez,

Meu querido companheiro governador do estado do Amazonas, Eduardo
Braga,

Meu caro Nelson Oduber, primeiro-ministro de Aruba,

Companheiros ministros da Venezuela,

Companheiros ministros do Brasil,

Minha querida Flávia Grosso, superintendente da Zona Franca de
Manaus,

Meu caro Maurício Loureiro, presidente do Centro da Indústria,

Companheiros parlamentares,

Meu querido governador Flamarion Portela, do estado de Roraima,

Minha querida Rosalía Arteaga, secretária-geral da Organização do
Tratado de Cooperação Amazônica,

Meu caro Patricio Zuquilanda, chanceler do Equador,

Meu caro Samuel Insanally, chanceler da Guiana,

Meus queridos deputados estaduais, federais,

Todos os integrantes da delegação da Venezuela, da delegação
brasileira,

Empresários,

Trabalhadores,

Jornalistas,

Meus amigos e minhas amigas,



Eu quero, primeiro, agradecer as palavras generosas e companheiras do governador Eduardo Braga. Eu fico sempre com uma dúvida quando as pessoas me elogiam. É que o ser humano é dividido entre racionalidade e ego e, muitas vezes, o ego da gente pode crescer muito quando alguém fala bem da gente.

Mas eu não poderia ter outra oportunidade. Antes de ler o meu pronunciamento, presidente Chávez, eu costumo fazer um discurso por escrito, porque no improviso eu não controlo o tempo e, às vezes, eu me esqueço que as pessoas têm outras atividades. Por isso, eu me habituei a escrever palavras mais precisas.

Mas este momento, para mim, é importante, é sumamente importante. Primeiro, quero dizer umas palavras aos empresários de toda a região da Amazônia e, sobretudo, aos empresários da Zona Franca de Manaus. Não foi agora, mas o nosso ministro Ciro Gomes, junto com a ministra Marina, coordenaram um programa de desenvolvimento sustentável para a Amazônia. E fizemos isso porque acreditamos, firme e conscientemente, que o Brasil não pode ser pensado a partir da realidade de Brasília, de São Paulo, de Minas, do Sul ou do Sudeste. Este Brasil tem que ser pensado globalmente, regionalmente e setorialmente.

E o desenvolvimento regional é o que pode permitir que o governo faça justiça e distribua, de forma mais equânime, a capacidade de crescimento e de enriquecimento do nosso próprio país. Digo isso porque não vacilei um minuto em levar para 2023 a data de vencimento da Zona Franca de Manaus. Digo isso, porque vim a Manaus, há pouco tempo, lançar o Gasoduto Guari-Manaus, porque entendemos que o Gasoduto significará uma segunda revolução no potencial industrial e no desenvolvimento dessa região.

E mais ainda: digo isso, porque outras regiões mais desenvolvidas do país já têm todas as vantagens comparativas que possamos querer; já têm mão-de-obra mais qualificada; infra-estrutura mais avançada; mercado



consumidor muito mais avantajado; postos muito mais qualificados e uma série de coisas que a região Norte do país ainda não tem na sua totalidade, e que parte do Nordeste brasileiro também não tem. E não tenham dúvidas de que, enquanto eu for Presidente da República, não haverá vacilação em termos de políticas de desenvolvimento regionalizadas; de que se leve em conta que as regiões precisam ser tratadas de forma diferenciada. E, portanto, a Amazônia vai continuar recebendo o tratamento respeitoso e carinhoso que nós temos.

Ao mesmo tempo, quero dizer para vocês que qualquer crítica à política da Zona Franca de Manaus só é feita por alguém que não teve a sabedoria de vir conhecer o que representa este Pólo Industrial para o estado da Amazônia.

Eu fico imaginando para um leigo que está participando de uma organização não-governamental, em qualquer país europeu. Ele poderia dizer: “nossa, mas estão fazendo fábricas na Amazônia!” É porque eles não percebem que a região tem 20 e poucos milhões de habitantes, que são seres humanos que querem trabalhar, que querem estudar, que querem ter acesso aos bens materiais que o Primeiro Mundo já conquistou, e querem provar que têm competência para produzir tão ou melhor do que em qualquer parte do mundo.

E eu fico imaginando se não fosse a Zona Franca de Manaus, o que seria ainda hoje da região Norte do nosso país. Portanto, estejam certos, nós não mediremos esforços, nós não mediremos nenhum sacrifício para fazer o que for possível para que a Zona Franca de Manaus continue gerando a riqueza e os empregos de que este povo tanto merece e tanto necessita. Essa é uma política de governo, não é política de ministro; é a política de um governo que entende que o desenvolvimento regional é a forma mais justa para fazermos a distribuição do desenvolvimento de forma mais igualitária.

Segundo, quero dizer aos empresários da Venezuela, aos representantes de outros países que estão aqui: o que nós estamos assistindo, aqui, é o que poderia ter acontecido há 20 anos, há 15 anos, se nós, na



América do Sul, acreditássemos mais em nós mesmos.

Durante muito tempo prevaleceu na cabeça dos governantes dos países da América do Sul, e porque não dizer da América Latina, os ensinamentos dos colonizadores. Um país do tamanho do Brasil ficou de costas para a América do Sul durante quase 500 anos. E os outros países da América do Sul também ficaram de costas para os outros países durante muitos anos. Todos nós olhávamos para os países ricos: para os Estados Unidos, para a União Européia e um pouco para o Japão. Até que descobrimos que o mercado potencial desses países estava cada vez mais limitado para os produtos produzidos, tanto na indústria quanto na agricultura, por uma razão simples: quanto maior o volume de exportação ou de importação de um país com outro país, mais limitadas vão ficando as chances de crescer, porque todo mundo quer exportar mais, todo mundo quer ter superávit comercial, ninguém quer ter déficit comercial.

E esta Feira fica colocando uma interrogação na minha cabeça: se nós tivéssemos acreditado, há 30 anos, no que estamos acreditando hoje, possivelmente a América do Sul seria muito mais desenvolvida; a região Norte seria muito mais desenvolvida. E, quem sabe, hoje nós não fôssemos olhados pelos desenvolvidos como os países em vias de desenvolvimento, mas seríamos, já, olhados como países desenvolvidos. Mas, quem sabe, Deus escreve certo por linhas tortas, quem sabe tenha sido necessário que as coisas acontecessem do jeito que aconteceram para que a gente pudesse, neste momento, pensar em mudar um pouco a nossa realidade.

Seria importante que cada um de nós se debruçasse sobre o mapa da América do Sul, que a gente analisasse o potencial de riqueza existente em cada país e que a gente avalizasse o quanto nós podemos crescer se tivermos políticas conjuntas, se tivermos parcerias, se os nossos empresários não tiverem medo um dos outros, de competir, de fazer parcerias, de investir nos mais diferentes países, para que a gente possa extrair o máximo de riquezas



possíveis para diminuir o máximo de pobreza que pudermos diminuir. Esse é um desafio que está colocado para essa geração. Eu já tenho 59 anos, se a ciência e genética forem boas comigo, eu posso quanto mais? Sei lá, mais 15 anos, mais 20 anos? Mas isso serve para aqueles mais novos, para compreenderem uma coisa: nós só seremos respeitados no dia em que nós nos respeitarmos; nós só seremos grandes no dia em que não tivermos medo de sermos grandes; nós só ganharemos mercado no dia em que não tivermos medo de competir e tivermos coragem de brigar em defesa dos nossos direitos.

E esta Zona Franca demonstra a todos os países vizinhos da região o potencial de crescimento conjunto que temos. Para que isso aconteça, nós precisamos utilizar o potencial de transporte hidroviário, que não existe; nós precisamos melhorar aeroportos, que não existem; nós precisamos melhorar rodovias e fazer muitas que não existem, para que possam transitar homens, mulheres e produtos produzidos nesta região.

O desafio que está colocado para os empresários que estão aqui presentes é que nós não temos que pedir licença a ninguém. Nós temos que definir, objetivamente, os nossos interesses.

E, a partir dos nossos interesses, começarmos a trabalhar com a Venezuela, com o Equador, com o Peru, com a Colômbia e com tantos outros países que estão aqui representados, para que a gente possa integrar, definitivamente, a América do Sul. Integrar com estradas, com ferrovias, com hidrovias, com portos e aeroportos porque muita gente, para vir aqui, tem que ir a outro lugar, porque não tem avião para vir a Manaus.

Então, essa é uma preocupação que o governo Chávez e o governo brasileiro têm que ter. Os nossos ministros vão ter que conversar muito mais, vão ter que levantar problemas para que possamos, então, encaminhar as soluções.

Queria terminar dizendo a vocês que eu saio desta Feira muito, mas muito impressionado, porque a combinação da alta tecnologia com produtos



até artesanais produzidos aqui, na Amazônia, é a combinação mais perfeita da diversidade e da capacidade de um povo ou de um país. E isso pode ser estendido a todos os outros países.

Saio desta Feira com a convicção de que aqueles que, durante muito tempo, criticaram a Zona Franca de Manaus deveriam ser convidados para vir olhar e, depois, não precisariam responder para nenhum de nós, que respondessem para o seu próprio travesseiro, na hora de deitar, para saberem a injustiça que cometeram com o povo deste estado e desta região.

Quero, Furlan, parabenizar o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, o governo do Estado, a Federação dos Empresários, associações de empresários, a nossa Flávia Grosso e todos aqueles que contribuíram para que esta Feira pudesse acontecer exatamente do jeito que está acontecendo.

De vez em quando temos problemas, e é bom que tenhamos problemas; de vez em quando erramos, e é bom que erremos, porque senão começamos a pensar que somos perfeitos; de vez em quando somos criticados, e é bom que sejamos criticados, para percebermos que nem sempre acertamos. Estejam certos de que, aconteça o que acontecer, o meu governo vai fazer a sua parte para que a região Norte do país não seja, eternamente, a região abandonada do nosso país.

Nós não queremos apenas ver a junção da água do rio Negro e do rio Solimões. Achamos muito bonito, mas nós queremos que por ali transite o resultado de uma coisa mais bonita, que é a capacidade de produção do povo desta região, exportando e importando riquezas, para que esta região seja cada vez mais rica.

Meus parabéns a vocês. E podem ficar certos que, na 3ª Feira, Hugo Chávez e eu, que ainda temos dois anos e poucos meses de mandato, estaremos aqui, quem sabe com mais empresários, quem sabe com mais negócios e, quem sabe, com muito mais otimismo, porque a Feira será, ainda mais, muito melhor do que a boa Feira que estamos fazendo hoje.



Presidência da República
Secretaria de Imprensa e Divulgação
Discurso do Presidente da República

Meus parabéns e boa sorte para vocês.